

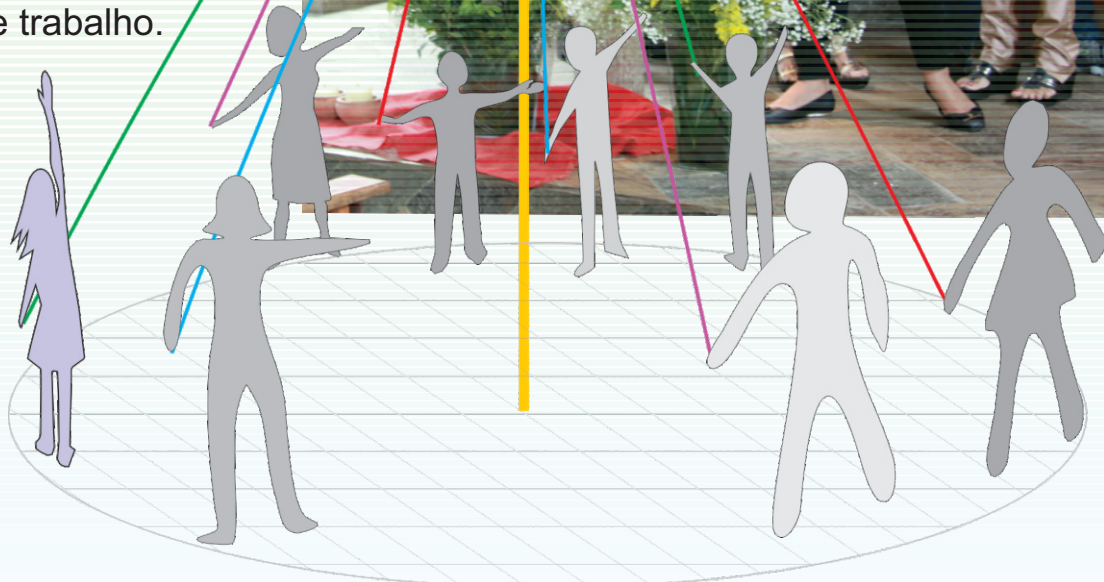
13º

Iconografia

Objetos litúrgicos e devocionais.

Arq. José Enesio Pinheiro. CAU202315-6

A iconografia entra na dimensão simbólica da arquitetura sacra. A igreja e tudo que a compõe é simbólico. O trabalho envolve, piso, paredes, volumetria e os símbolos usados, como os suportes para o círio, cadeira, altar, ambão, castiçais, cruzes, lugar das imagens e escolha das mesmas, lugar de pinturas, etc. É uma tarefa multidisciplinar e que tem gerado muito sofrimento e tensão na região central de Minas, entre a cultura religiosa devocional e decisões pouco sensíveis de líderes e arquitetos. Estudamos o caso da cidade de Ferros na primeira parte deste trabalho. (cf. TCC I)



O lugar das imagens e lugares devocionais são exemplos de lugares que causaram as maiores polêmicas e sofrimentos para as comunidades no período pós Concílio Vaticano II, a escolha da igreja de N. S. Aparecida e das igrejas da Paróquia S. Francisco Xavier, de Belo Horizonte, como modelo deste trabalho, se deve também à capacidade de inculturação e diálogo com a fé e cultura das pessoas.



As pessoas tocam e se benzem com a água da fonte batismal.



As pessoas tocam a imagem da padroeira da igreja



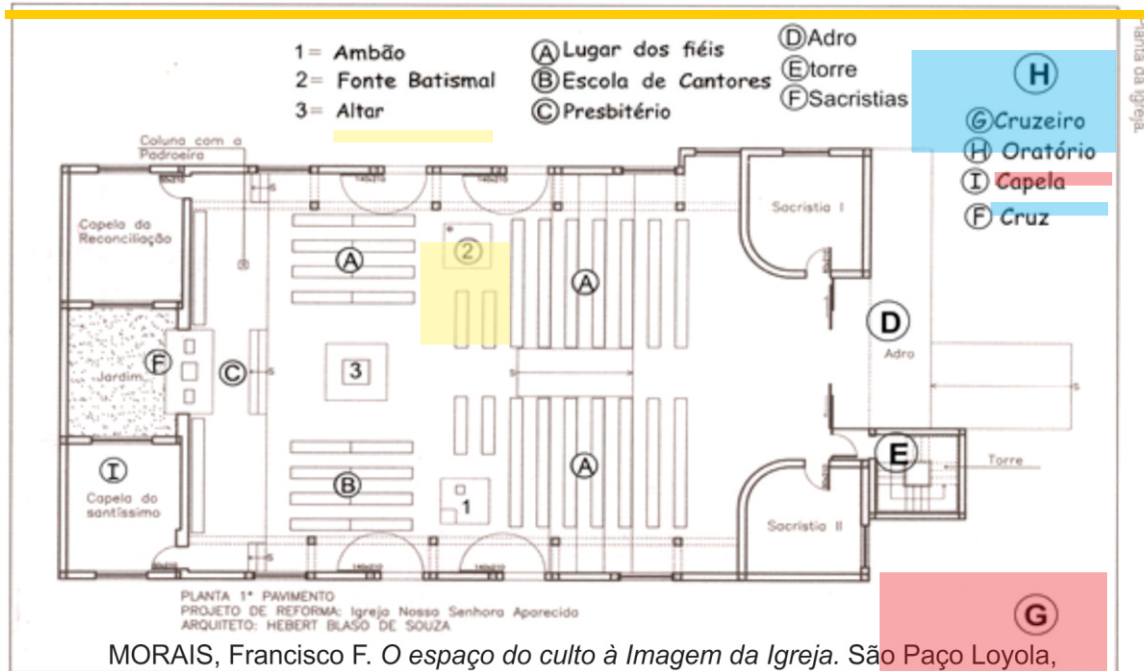
O cruzeiro da igreja N. S. Aparecida recebe pano com a cor litúrgica



O as pessoas rezando no oratório



Os bancos proporcionam oração em grupo



MORAIS, Francisco F. O espaço do culto à Imagem da Igreja. São Paço Loyola, 2009. Após a página 187.

– A mistagogia do lugar das imagens e programa iconográfico

Orientações da IGMR:

318. *Na liturgia terrena, antegozando, a Igreja participa da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrina, se encaminha, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e venerando a memória dos Santos, espera fazer parte da sociedade deles.*

Por isso, segundo antiquíssima tradição da Igreja, as imagens do Senhor, da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos sejam legitimamente apresentadas à veneração dos fiéis nos edifícios sagrados e sejam aí dispostas de modo que conduzam os fiéis aos mistérios da fé que ali se celebram. Por isso, cuide-se que o seu número não aumente desordenadamente, e sua disposição se faça na devida ordem, a fim de não desviarem da própria celebração a atenção dos fiéis. Normalmente, não haja mais de uma imagem do mesmo santo. De modo geral, procure-se na ornamentação e disposição da igreja, quanto às imagens, favorecer a piedade de toda a comunidade e a beleza e a dignidade das imagens. (IGMR).

Lugar das imagens - Quanto ao local das imagens, Cronin ressalta a necessidade de dialogar com a comunidade, destacando que este aspecto do templo sofreu inúmeros exageros após o Concílio e é preciso buscar equilíbrio. Porém, as imagens fazem parte do templo e da ação litúrgica. A orientação é que não haja mais de uma do mesmo Santo, nem haja número exagerado, estejam em ordem, e colabore com a piedade da comunidade (IGMR 278). Contudo, "*Quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone uma imagem viva. [...] de fato orienta, educa, conduz e introduz as pessoas no mistério [...]*" (Estudo CNBB 106 n.62). Este estudo ressalta que "*o programa iconográfico deve ser de um trabalho multidisciplinar que envolva arquitetos, liturgistas, artistas e a comunidade* (Estudo CNBB 106 n.64). No entanto, as orientações, deixam explícito que a única imagem exigida é a cruz de Cristo (IGMR 308), e que havendo imagens é necessário prever espaço que possibilite aproximar delas e que podem estar no corpo da igreja ou próximas ao presbitério. Os textos ressaltam ainda que o centro do presbitério e as paredes de trás do altar precisam ser ocupadas com Cristo e com imagens que podem ser pinturas, mosaicos, etc. Por fim, a imagem de Maria e do padroeiro vem em segundo plano e na perspectiva do Cristo.

Segundo o estudo 106 da CNBB do número 62 ao 73

62 - *Quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone, uma imagem viva. Moldada pela liturgia, é por ela mesma, mistagógica; de fato orienta, educa, conduz e introduz as pessoas no mistério da Páscoa de Cristo que celebramos.*

63 - *O programa iconográfico prepara, descreve e prolonga, por meio de formas e cores, o mistério celebrado. Paredes, pinturas, pisos, imagens, mobiliário, iluminação... Tudo é extensão do que ali se celebra.*

64 - *O programa iconográfico deve ser considerado desde o início do projeto arquitetônico, de acordo com as exigências litúrgicas e a cultura local. Deve ser resultado de um trabalho multidisciplinar que envolva arquitetos, liturgistas, artistas e a comunidade.*

65 - *As principais imagens a destacar são sinais sacramentais: a cadeira da presidência, o altar, o ambão, a fonte batismal, a disposição do lugar da assembleia e o próprio edifício-igreja.*

66 - *O programa iconográfico é cristocêntrico: tudo converge para o Cristo. A cruz colocada em relação com o altar nos recorda a paixão do Senhor. Se houver na parede atrás do altar uma imagem, que seja a do mistério celebrado: Jesus Cristo morto e ressuscitado. Dessa cena central, decorrerão as demais imagens: de Maria, do padroeiro, de outros santos, cenas do antigo e do novo Testamento, organizadas segundo um programa que manifeste a história da salvação em relação àquela comunidade.*

O Cerimonial dos Bispos ressalta: "É de louvar que a cruz processional. fique erguida junto ao altar de modo a ser a própria cruz do altar, caso contrário será retirada".

67 - *Quando nos referimos às imagens, isto não quer dizer que devam ser somente esculturas, pode-se usar outras técnicas artísticas: pintura, mosaico, vitral, relevo etc.*

68 - *A Igreja nunca dispensou as imagens, e elas são importantes para a nossa relação com o Senhor, sobretudo na oração. Na Celebração Eucarística, a única imagem exigida é a cruz de Cristo.⁵¹ A ausência de outras imagens pode ter a função de sublinhar os verdadeiros sinais sacramentais: Cristo está presente em sua Igreja e, especialmente, nas ações litúrgicas; está presente no sacrifício da Missa, tanto na assembleia reunida em seu nome e na pessoa do ministro, como também nas espécies eucarísticas; está presente na sua palavra proclamada e rezada, Ele que prometeu "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles" (Mt 18,20) (SC n. 7).*

69 - *Havendo imagens, é necessário prever um espaço onde as pessoas possam se aproximar, sem atrapalhar a circulação.*

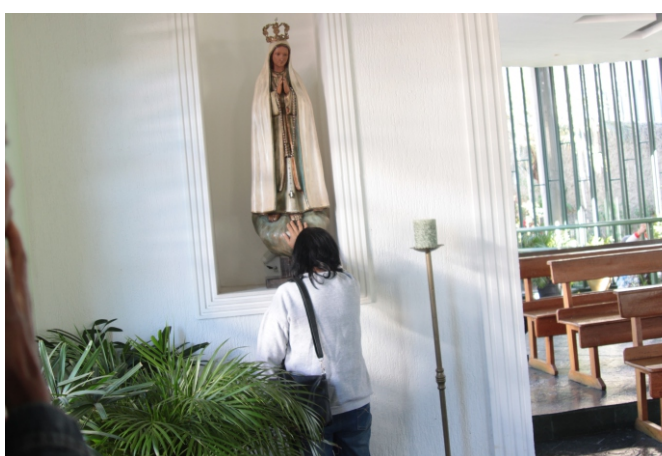
70 - *Decoração ou ornamentação não fazem parte do programa iconográfico. Uma igreja que teve um bom projeto de arquitetura e de iconografia não precisa de elementos extras de valorização. Porém, em ocasiões especiais e festivas, os espaços e peças são valorizados com uma boa ornamentação.*

71 - *Essa ornamentação deve ser pensada com esmero e em unidade com o conjunto. A flor verdadeira, não a de plástico, confere o toque da alegria e da festa. Assim, o vaso de flores ou arranjo floral da Páscoa, da vitória sobre a morte, será diferente do broto ou do ramo do advento ou*

da ausência e austeridade da Quaresma. Tudo o que não colabora para evidenciar o mistério celebrado em cada tempo litúrgico deve ser considerado supérfluo e incapaz de introduzir as pessoas na celebração. Isso vale para qualquer circunstância ou festa litúrgica.

72 - A beleza combina com a sobriedade, a sinceridade, e a simplicidade. Qualquer excesso — de flores, rendas, guirlandas, panos, pedestais ou enfeites de qualquer gênero — possui força de distração e dissipação da mente e do coração.

73 - Se decoração é algo que vem do âmago, de dentro do coração, como a própria etimologia da palavra sugere, então, a inspiração para qualquer intervenção "decorativa" deverá nascer dos textos litúrgicos propostos para aquela festa ou circunstância. Buscar nas fontes genuínas da liturgia o que será proposto será pertinente, compreensível, capaz de contribuir para a concentração e participação na celebração e ajudar a criar a unidade necessária para que não haja dispersão.



As imagens são do nosso arquivo. As imagens são da igreja N. S. de Fátima, em Belo Horizonte.

Observamos que pelo texto das orientações... fica claro, que iconografia é muito mais que imagens. O fato de insistir em inserir fotos das pessoas rezando ao lado de imagens é devido à cultura da região central de Minas, pesquisada no TCC I, e às tensões geradas pela falta de sensibilidade a essa fé devocional. Não é fácil lidar com as conclusões do concílio e com essa realidade cultural, mas que também é uma realidade de fé cristã católica.